



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

AS FIGURAÇÕES DA CRIANÇA NA LITARATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO PERCURSO DA IDENTIDADE DA INFÂNCIA NA LITERATURA

Carlos Richard Soares Pinheiro; Natália Francyanne Santos de Araújo; Lia Silva Fonteles Serra

Universidade Federal do Maranhão

carlosrichard10@gmail.com

Resumo: Objetivando o auxílio à construção da imagem da infância através das figurações da criança enquanto sujeito histórico, busca-se a literatura, especialmente o mundo literário infantil, como fonte de compreensão do contexto social, cultural e histórico. Para fazer um recorte transversal na percepção das crianças na literatura, recorre-se a uma análise bibliográfica de caráter antropológico em clássicos infantis de diferentes momentos. Na seleção de fontes de diferentes momentos históricos foi considerada a colaboração de três obras tomadas como amostras para construção histórica da imagem de criança no mundo ocidental. Para tal optou-se por escolher: Chapeuzinho Vermelho, em suas mais variadas versões desde o século XIV; O Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry, lançado em 1943 e, por fim, o contemporâneo mundo literário infantil representado por A Turma da Mônica, do brasileiro Maurício de Sousa. Como principais bases para a análise proposta utilizou-se trabalhos com perspectivas afins de pesquisadores conhecidos, como BETTELHEIM (2007), COUTINHO (2012), CORSO E CORSO (2005), CHOMBART DE LAUWE (1991). Acredita-se que esta construção histórica não só lance uma simples análise da percepção da criança e da infância e suas modificações, mas, para além disso, ajude a refinar o entendimento de criança e infância no momento atual. Este entendimento de criança revela a construção de um objeto histórico, onde conclui-se que as figurações deste objeto na literatura variam de acordo com o espaço temporal, e mostra como houve, através dessas modificações, uma adequação nas percepções e concepções da criança e de sua infância e formação em todos os aspectos.

Palavras-chave: História, Literatura Infantil, Infância.



1 INTRODUÇÃO

Historicamente as percepções da infância se modificam de tal forma que a criança, enquanto sujeito histórico, foi representada de diferentes formas. Neste sentido o estudo das representações da criança revela não só o conceito de infância construído e frequentemente transformado, mas também revela aspectos relacionais da sociedade que interferem diretamente no modo de lidar com este sujeito.

Assim, a historiografia tenta dar conta de mais este objeto de estudo, evidenciando o percurso da criança e de suas percepções. Para isso utiliza-se de diversas fontes de compreensão. No presente estudo, a literatura apresenta-se como índice de interpretação de contextos socioculturais específicos, mais enfaticamente a literatura infantil.

A literatura infantil é dirigida à própria criança e faz parte de sua infância, colaborando com sua formação educacional. As obras que as rodeiam implicam diretamente na imagem de criança e de infância que a sociedade, no caso a sociedade ocidental, cristaliza. Isto é, na literatura infantil há não só a representação da criança através de suas figurações, há também a perspectiva mais ampla de que tipo de sujeito esta sociedade pretende formar.

Acredita-se que esta construção histórica não apenas lance uma simples análise da percepção da criança e da infância bem como de suas modificações, mas, para além disso, ajude a refinar e ampliar o entendimento destes objetos no contexto atual. Este entendimento da criança revela a construção de um objeto histórico, que participa do processo educacional e que, por vezes é afastado das pesquisas historiográficas relacionadas a esse processo. Verificar a presença deste objeto, através de suas figurações, por exemplo, e como ele é percebido é essencial na atualização das pesquisas educacionais.

A literatura absorve variados personagens que representam os atores sociais comumente atrelados à história que, mesmo que fictícias, retratam o contexto onde o autor se situa. No entanto, nem sempre a criança enquanto sujeito foi representada de forma significativa na literatura, por muitas vezes foi descrita como um mero artefato de composição de cena.

Mesmo na literatura infantil, a criança demorou a conquistar espaço como personagem de contos e historietas, o que revela uma imaturidade na percepção deste sujeito enquanto participantes da cultura (COUTINHO, 2012). Demonstra também o objetivo formativo da literatura infantil, ou seja, os personagens adultos representavam o adulto ideal o qual a criança deveria se tornar, assegurando a adultificação da criança (ÀRIES, 1981). Por isso o aparecimento da personagem infantil como protagonista representa um salto histórico na percepção deste sujeito.



Assim, percebemos que a literatura infantil passou por diversos momentos de transformação da imagem de criança que a sociedade concebe.

2 METODOLOGIA

Para fazer um recorte transversal na percepção das crianças na literatura, recorre-se a uma análise bibliográfica de caráter antropológico em clássicos infantis de diferentes momentos. Na seleção de fontes de diferentes momentos históricos foi considerada a necessidade de construir uma linha da adequação histórica da imagem da criança ao contexto em que a obra foi desenvolvida. Para tal optou-se por escolher: o conto Chapeuzinho Vermelho, em suas mais variadas versões desde o século XIV; a busca da infância da obra O Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry, lançada em 1943 e, por fim, o contemporâneo mundo literário infantil representado por A Turma da Mônica, do brasileiro Maurício de Sousa.

Como principais bases para a análise proposta utilizou-se, em caráter complementar, trabalhos com perspectivas afins de pesquisadores conhecidos, como BETTELHEIM (2007), COUTINHO (2012), CORSO E CORSO (2005), CHOMBART DE LAUWE (1991).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

CHAPEUZINHO VERMELHO: obediência ou morte

A história da menina que foi encarregada de levar algo a sua vó e acabou sendo devorada pelo lobo mau é um conto que atravessa séculos na tradição popular ocidental, e que desde sua primeira versão já sofreu diversas modificações, principalmente em relação ao seu desfecho. A primeira versão data do século XVII, e foi escrita por Charles Perrault, nesta o final é trágico: a menina é literalmente devorada pelo lobo. Outra versão é a sugestão de continuação dada pelos irmãos Grimm, escrita em 1857, o conto tem seu final modificado onde a menina e sua vó são salvas pelo caçador e o lobo é morto no final (GRIMM, 1994). Várias outras adaptações ou histórias derivadas também deram conta desta narrativa (CORSO, 2006).

Desde essa narrativa da tradição oral, passando por Perrault, até a história como é contada hoje – praticamente a versão dos irmãos Grimm (CORSO, 2006), os aspectos foram sendo suavizados, suprimidos ou substituídos. No entanto,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Apesar das modificações, ao longo desse processo, ficou preservada a existência de um diálogo, em que a vítima faz perguntas parecendo desconfiada, mas ingenuamente se entrega a bocarra de seu algoz. Por mais máscaras que se ponha para suavizar a violência do relato, a menina será engolida, e a tensão da narrativa provém da percepção das crianças ouvintes, que antecipam o perigo, ao passo que a menina se deixa enganar (CORSO, 2006, p. 53).

Deste conto desprende-se o aspecto do valor educacional presente na transmissão de uma moral que prega a obediência presente na relação mãe e filha, ao permitir que ela vá ao encontro da sua avó sozinha fazendo uma série de recomendações, necessárias a uma criança: “Comporte-se no caminho, e de modo algum, saia da estrada, ou você pode cair e quebrar a garrafa de vinho e ele é muito importante para a recuperação de sua avó [...]” (PERRAULT, 1989). Na linguagem, fica expressa a necessidade da obediência, caminhar sempre na direção certa ditada pelos mais velhos, pois o contrário a levaria a graves erros e riscos, como conversar com estranhos.

Independentemente da versão, ou da linguagem utilizada, a pequena Chapeuzinho sempre é representada como uma menina inocente, apta a ser facilmente enganada, que está por descobrir dos perigos da vida. Muitas interpretações recorrem a uma análise simbólica metafórica onde os perigos da floresta estariam associados às descobertas da sexualidade, inclusive com analogias entre o lobo e possíveis pedófilos que atraem crianças para o seu prazer (BETTELHEIM, 1980).

O PEQUENO PRÍNCIPE: a criança do adulto

Saint- Exupéry (2009), autor da obra O Pequeno Príncipe, como oficial da Força Aérea, vivenciou a Segunda Guerra Mundial e as terríveis atrocidades que a França experimentou desta época, sendo afetado fortemente com as circunstâncias presenciadas. O Pequeno Príncipe foi criado em meio a esses destroços, revelando logo em sua dedicatória para Léon Werth, um Judeu, que se justificando, explica: “Essa pessoa grande mora na França, e ela tem fome e frio. Ela precisa de consolo” (SAINT-EXUPÈRI, 2009). Há um cenário político por trás de todo seu texto, pois a perseguição aos judeus não cessa depois do fim do regime de Pétain e a França é ocupada por tropas de Hitler. Nota-se assim, como o contexto histórico influencia a obra (CHOMBARD DE LAUWE, 1991).

Segundo Jung (2009), o livro O Pequeno Príncipe foi criado num misto sentimento de ameaça política e terapia literária. A obra retrata o mundo falso e fragilizado dos adultos na busca de verdades que será revelado através do Pequeno Príncipe ao autor. Este personagem é um guia no



deserto do Saara, um menino de beleza inusitada, de liberdade quase inumana, inteligência pura e dons mágicos, como falar com animais. Onde, se distanciando da cultura adulta, reformula esta, criando um paralelo criança-adulto que, na obra, é enaltecida: “As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar a toda hora explicando” (SAINT-EXUPÈRI, 2009, p. 8).

O Pequeno Príncipe percorre o mundo adulto em alguns planetas visitados, mostrando de forma real como são os adultos (o rei, o vaidoso, o bêbado, o homem de negócios, o acendedor de lampiões e o geógrafo) e sua percepção de mundo, revelando ao Pequeno Príncipe a vida vazia e solitária que vivem, evidenciando personalidades frágeis, vícios e preocupações que são incompreensíveis a uma criança.

O personagem é porta-voz do aprendizado da criança no mundo do adulto e suas críticas recriam a cultura que é duramente criticada ao longo desta estória. Seria a obra então um verdadeiro referencial do reconhecimento de que a criança possui e produz conhecimento e participa ativamente da cultura, interagindo e transformando-a (COHN, 2005).

Marie-José Chombart de Lauwe (1991), no livro ‘Um Outro Mundo: A Infância’, faz uma análise da obra de Saint-Exupéry e aponta essa crítica implícita na obra sobre a relação criança-adulto, colocando a criança como mestre e o adulto discípulo impotente para tornar verdadeiras suas lições, pois é incapaz de compreender ou até mesmo recusa-se a deixar interferir, como os personagens dos planetas encontrados pelo Pequeno Príncipe. Chombart de Lauwe (1991) afirma que não existe lugar para a criança autêntica na sociedade dos homens, somente uma única saída: a morte ou a renúncia trágica à infância. Na obra, o Pequeno Príncipe escolheu a morte.

A TURMA DA MÔNICA: vários personagens de uma mesma criança

Os quadrinhos de Mauricio de Sousa começaram a ser vinculados nos anos 60 para jornais, na década seguinte se tornaram gibis e trouxeram a cultura da imagem atrelada história para a literatura brasileira, e assim foram evoluindo chegando a seriado de televisão como desenho animado. Nesta amostra há uma identificação inegável entre o público-alvo e a obra em questão, isto se dá não só pela imagem que pode gerar uma identificação imagética, como também pela complexa teia de personagens criados neste universo literário.

A Turma da Mônica tem como personagens centrais: a Mônica, valente e forte com espírito de liderança; o Cebolinha, esperto, porém machista; Cascão, o menino que não gosta de tomar banho; e Magali, a garota que só pensa em comer. Além destes existe uma infinidade de



outros personagens que foram surgindo ao longo dos anos. Em relação à infância, cada personagem assume uma das múltiplas facetas desta etapa da vida, ou seja, “é como se vários aspectos presentes na infância passeassem dissociados, permitindo-lhes contemplar e elaborar um de cada vez” (CORSO, 2006, p. 202).

Numa análise mais ampla, estas figurações representam, de forma geral, crianças que transgredem ao papel de crianças passivas e ideais, e que aprendem ao seu modo através de vivências descompromissadas e criativas. “Sua intransigência demonstra que a infância não é curável, nem domesticável, o único modo de passar pelos seus revezes e mal-entendidos é vivendos-os e sofrendo suas consequências, pois é com elas que se cresce” (CORSO, 2006, 212).

Aqui temos a representação mais contemporânea de infância, esta é demonstrada como centro do desenvolvimento e da formação de novo cidadão, onde a brincadeira é levada a sério e utilizada como instrumento de aprendizagem. Também é revelado uma categoria de crianças que transmitem, muitas vezes, pensamentos críticos acerca do mundo a sua volta e que interferem diretamente nele. Em síntese, pode-se concluir desta figuração uma criança mais ativa e com personalidade e intelectualidade, que possui vontade e curiosidades.

5 CONCLUSÃO

Neste pequeno espaço não é possível explicitar uma análise minuciosa do percurso histórico das percepções deste sujeito que é a criança. No entanto conseguimos empreender que as figurações se adequam à realidade que as crianças vivem, se modificando a cada contexto diferente. A identidade da infância, assim, se modifica a todo momento com as concepções de criança que a sociedade transmite, seja ela inocente ou transgressora, varia de acordo com nosso contexto.

É válido ressaltar que por trás de cada obra haverá uma intencionalidade de cada autor, somada da subjetividade que ele carrega, esta intencionalidade é o que interessa nesta pesquisa, pois nela está implícita a imagem de criança que está se investigando. Assim a identidade da infância explicitada na fonte literária depende também da identidade do adulto que a escreve, a qual está embebida pelos aspectos culturais do contexto em que vive.

O que percebemos ao analisar as figurações da criança na literatura é que as histórias que envolvem personagens infantis, independente do contexto histórico, sempre estarão em cenários de aprendizagem, mesmo que fora do ambiente escolar. Retratando uma visão universal de que a infância é um momento de constante aprendizado para a criança, seja sobre o mundo ou sobre a vida social.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ainda assim, observamos que as modificações na percepção de infância e, portanto, a mudança no lugar ocupado pela criança nessas obras literárias nos fornecem subsídios para pensarmos no movimento cultural que vem acontecendo ao longo dos anos na sociedade ocidental, movimento este que gera modificações no modo como a criança é enxergada e, portanto, no espaço ocupado por ela na sociedade. A modificação neste sentido tem sido claramente evidenciada por diversos estudos sociais e antropológicos em torno da infância, como, por exemplo, os desenvolvidos por Cohn (2009) e Sarmiento (2009).

Enfim, esperamos com esta pesquisa contribuir para a construção da percepção da identidade assumida pela criança na literatura infantil. Tal fator se revela como fundamental na compreensão da imagem social que criamos em torno da infância e da criança, este ser que está em processo de aprendizagem e que depende invariavelmente do mundo adulto. Neste aspecto, a pesquisa contribui com a educação na sua historicidade, pois delinea como o sujeito, a criança, será tratada de acordo com a imagem que formamos.



REFERÊNCIAS

ÀRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução: Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BETTELHEIN, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fada**. Tradução: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHOMBART DE LAUWE, Maria-José. **Um outro mundo: a infância**. Tradução: Noemi Kon. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

COHN, Clarisse. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORSO, Mario e Diana Lichtenstein. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COUTINHO, Fernanda. **Imagens da Infância em Graciliano Ramos e Antoine de Saint-Exupéry**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2012.

GRIMM, Jacob e Wilhem. **Contos de Grimm**. Belo Horizonte: Ed. Villa Rica, 1994.

JUNG, Mathias. **O Pequeno Príncipe em nós: uma jornada de descobertas com Saint-Exupéry**. Tradução: Marcos Malvezzi Leal. Campinas, SP: Verus, 2009.

PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1989.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, 1900-1944. **O Pequeno Príncipe**. Tradução: Dom Marcos Barbosa. – Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Sociologia da Infância: correntes e confluências**. In: Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.